

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICA: PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

RESUMO

O presente artigo científico faz uma reflexão situando o professor de Língua Portuguesa e Literatura nas diferentes abordagens pedagógicas: Tradicional, Cognitivista, Comportamentalista, Humanista, e Sócio-Cultural, com o objetivo de conhecer as influências destas abordagens no processo de ensino-aprendizagem e na prática destes docentes, promovendo reflexão sobre as tendências pedagógicas.

Palavras-Chave: Ensino. Aprendizagem. Tendências pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

Como professores, estamos sempre nos deparando com situações referentes ao processo de ensino-aprendizagem, nos mais variados momentos, seja exercendo atividades administrativas junto a equipe pedagógica, participando de programas de educação continuada ou ainda, atuando diretamente no ensino contribuindo para formação de futuros cidadãos.

Todas as ações de um professor são orientadas pela forma como vê o mundo, pelos objetivos que pretende atingir, pela sua concepção de educação etc. Entretanto, o professor nem sempre é capaz de explicitar claramente as teorias de aprendizagem que o influenciaram, muito embora um espectador experimentado possa identificá-las a partir da observação.

Autores como Mizukami (1986), Luckesi (1994), os PCNs (2001) e outros, discutem as diferentes linhas pedagógicas ou Tendências sobre o processo de ensino-aprendizagem. Segundo esses provavelmente tenham sido cinco as abordagens que mais influenciaram os professores brasileiros: abordagem tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e a sócio-cultural as quais fornecem diretrizes a ação docente.

As Tendências estão divididas em cinco Abordagens Pedagógicas, sendo: Tradicional, Cognitivista, Comportamentalista, Humanista e Sócio-Cultural.

Porém segundo Bigge (1977), é necessário salientar que dentre as diferentes teorias de aprendizagem, nenhuma, em particular, pode ser tomada como superior às outras em termos absolutos, sendo freqüente que o professor desenvolva uma forma de atuação a partir da contribuição de várias teorias.

Assim, o objetivo deste trabalho é conhecer as diferentes abordagens sobre o processo de ensino-aprendizagem na prática dos docentes de Língua Portuguesa e literatura de uma escola pública estadual da cidade de Rondonópolis-MT, contribuindo, assim para que o professor reflita sobre sua prática e a exerça de forma criativa, inovadora e consciente.

2 AS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS

As abordagens do processo ensino aprendizagem se valem da contribuição da Filosofia, que tem através dos fundamentos os quais refletem o pensar, orientado o fazer humano num diálogo constante com as circunstâncias do contexto, suas causas e conseqüências.

Considerando-se que provavelmente tenham sido cinco as abordagens que mais influenciaram os professores brasileiros, a saber: abordagem tradicional, abordagem comportamentalista, abordagem humanista, cogtivista e a sócio-cultural, discorreremos sobre cada uma delas (MIZUKAMI,1986, p.9).

2.1 A Abordagem Tradicional

Para Snyders (apud Mizukami,1986, p.8), o ensino tradicional é o ensino verdadeiro, onde a atividade de ensinar está centrada no professor que a expõe e interpreta, conduzindo o aluno ao contato com as grandes realizações da humanidade e da cultura em geral.

O objetivo implícito ou explícito deste tipo de ensino é o de formar um aluno ideal, intenção é a de simplificar o ensino, não levando em consideração os

interesses do aluno, da sociedade e da vida como um todo.

Segundo Mizukami (1986, p.12), a escola é um local onde se raciocina, em que o ambiente deve ser austero para que o aluno não se distraia. Considera o ato de aprender como uma cerimônia e acha necessário que o professor se mantenha distante do aluno, ocorre uma relação vertical, onde o professor é considerado o detentor do saber e o aluno mero e passivo receptor.

A metodologia baseia-se com freqüência em aulas expositivas e em demonstrações do professor, tendo como medida de avaliação da aprendizagem, a reprodução do conteúdo pelo aluno. A ênfase não é dada ao educando, e sim ao professor com o intuito de garantir a aquisição do conteúdo cultural pelo aluno.

2.2 A Abordagem Comportamentalista

Esta teoria baseia-se fundamentalmente, no empirismo, primando pela observação do mundo real. “As ações humanas e toda natureza são comparáveis a uma máquina enorme operando de acordo com leis mecanicistas” (GOODING; PITTENGER,1977).

A aprendizagem na abordagem comportamentalista encontra-se na organização dos elementos para as experiências curriculares. Assim, a aprendizagem será garantida pela sua programação, incluindo a aplicação da tecnologia educacional, estratégias de ensino e formas de reforço no relacionamento professor-aluno (MIZUKAMI, 1986, p. 31-32).

A relação professor-aluno segundo Mizukami (1986, p. 31-32) na abordagem comportamentalista cabe o controle do processo de aprendizagem, um controle científico da educação.

O indivíduo, segundo esta abordagem, determina sua visão com base nas conseqüências que se seguiram a um comportamento semelhante no passado, assim dirigindo-se os reforços no sentido do comportamento desejado obtém-se a aprendizagem intencionada.

2.3 A Abordagem Humanista

Nesta tendência o enfoque central é o aluno. Segundo MIZUKAMI (1986), a ênfase se dá nas relações interpessoais e no crescimento que delas resulta, centrado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo. O professor em si não transmite conteúdo, dá assistência, sendo um facilitador da aprendizagem. O conteúdo advém das próprias experiências dos alunos, assim o professor não ensina: apenas cria condições para que os alunos aprendam.

Aprendizagem na abordagem humanista tem a qualidade de um envolvimento pessoal – a pessoa, como um todo, tanto sob o aspecto sensível quanto sob o aspecto cognitivo, inclui-se de fato na aprendizagem (ROGERS, 1972, p. 5).

Segundo Mizukami (1986, p. 49), o ensino na abordagem humanista consiste num produto de personalidades únicas, respondendo a circunstâncias também únicas, num tipo especial de relacionamento.

A metodologia, as estratégias instrucionais assumem importância secundária. Não se enfatiza técnica ou método para se facilitar a aprendizagem. (MIZUKAMI, 1986, p. 53).

A relação professor-aluno na abordagem humanista o professor deve aceitar o aluno tal como é e compreender os sentimentos que ele possui. O aluno deve responsabilizar-se pelos objetivos referentes à aprendizagem (MIZUKAMI, 1986, p. 52-53).

Para Rogers (1978), o processo de ensino irá depender do caráter individual do professor, como ele se inter-relaciona com o caráter individual do aluno. Não é possível especificar as competências de um professor, pois elas dizem respeito a uma forma de relacionamento de professor e aluno, que sempre é pessoal e única.

2.4 A Abordagem Cognitivista

A abordagem cognitivista está ligada a processos organizacionais do conhecimento, suas formas, processamento, elaboração e tomada de decisão. Segundo Mizukami (1986, p.59), esta teoria estuda cientificamente a aprendizagem como sendo um produto do meio ambiente, das pessoas ou de fatores externos ao aluno. Tem certa preocupação com as relações sociais, contudo dá maior ênfase à capacidade do aluno absorver as informações e processá-las. Piaget é considerado um dos propulsores desta tendência.

A aprendizagem na abordagem cognitivista se dá no exercício operacional da inteligência (MIZUKAMI, 1986, p. 76) e a avaliação nesta abordagem é realizada a partir de parâmetros extraídos da própria teoria e implicará verificar se o aluno já adquiriu noções, conservações, realizou operações, relações etc. (MIZUKAMI, 1986, p. 82-83).

Para Mizukami (1986, p. 80), a metodologia na abordagem cognitivista caberá ao educador planejar situações de ensino onde os conteúdos e os métodos pedagógicos sejam coerentes com o desenvolvimento da inteligência e não com a idade cronológica dos indivíduos (MIZUKAMI, 1986, p.80).

Na abordagem cognitivista, o professor deve assumir o papel de coordenador, levando o aluno a trabalhar o mais independentemente possível. Cabe ao aluno um papel essencialmente ativo (MIZUKAMI, 1986, p.78).

Dentro desta tendência o objetivo da educação é sim que o aluno aprenda por si mesmo a verificar a veracidade destas informações e que ao mesmo tempo repense e as recrie de forma real, tendo como meta final a autonomia intelectual do aluno assegurada pelo desenvolvimento de sua personalidade de instrumento lógico-racional. A escola deverá oferecer ao aluno a possibilidade de aprender por si próprio.

Para Malrieu (1974), educar não é mostrar, é ensinar a inventar. O professor deve ser um orientador para os alunos, um instigador, fazendo com que o aluno aprenda por si mesmo, porém sem abandoná-los. Deve ser atento aos passos de aprendizagem dos alunos, proporem-lhes questões, provocar situações onde os mesmos reflitam e estejam abertos para descobrir e apreender.

2.5 A Abordagem Sócio-Cultural

A abordagem sócio-cultural ou libertária elimina pela raiz as relações autoritárias, onde não há escolas nem professor, mas círculos de cultura e um coordenador cuja tarefa essencial é o diálogo. O educador, cujo campo fundamental de reflexão é a consciência do mundo, cria, não obstante, uma pedagogia voltada para a prática histórica real.

Relação professor aluno na abordagem sócio-cultural é horizontal e não imposta. Para que o processo educacional seja real é necessário que o educador se torne educando, por sua vez, educador (MIZUKAMI, 1986, p. 99).

Ensino-aprendizagem na abordagem sócio-cultural procura a superação da relação opressor-oprimido. Essa superação exige condições tais como: reconhecer-se, criticamente, e solidariza-se com o oprimido engajando-se na práxis libertadora, onde o diálogo exerce papel fundamental na percepção da realidade opressora (MIZUKAMI, 1986, p. 97).

O professor procurará desmitificar e questionar com o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto criando cultura. Somente através do diálogo será possível democratizar a cultura.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para alcançar o resultado desejado acerca da problemática das Tendências Pedagógicas, utilizamos a pesquisa qualitativa, pois segundo Martins (2005, p.34), supõe que a realidade, de alguma maneira, vai sendo construída pelo investigador.

Diante disso pautamos o método de pesquisa no estudo de caso etnográfico comparativo, pois o mesmo foi de extrema ajuda para conhecer os problemas e ajudar a entender a dinâmica da prática educativa.

Para a realização desta investigação, trabalhamos com a amostra intencional, pois, segundo Olabuénga (2003 apud Martins, 2005, p.50) nesse tipo de amostra os indivíduos são escolhidos sem seguir a lei de azar para cumprir uma amostra na investigação qualitativa exige que o pesquisador se coloque na situação

que melhor lhe permite recolher a informação relevante para sua pesquisa.

Esta pesquisa se desenvolveu na escola pública estadual “Marechal Dutra”. Foram observadas aulas de duas professoras, em diferentes situações de ensino, e em diferentes turmas: uma de 2º ano, outra de 3º ano do Ensino Médio, ambas direcionadas o foco de pesquisa para o professor em seu cenário de aula, suas ações e seu posicionamento frente as novas tendências pedagógicas .

Utilizamos a observação e a entrevista como instrumento de coleta de dados, pois segundo Martins (2005, p. 46), essa técnica promove a obtenção da informação sobre o fenômeno ou acontecimento tal como se produz.

Todo material recolhido durante a pesquisa foi analisado e interpretado sistematicamente. A apresentação da opinião dos participantes será representada em forma de resultados e discussões, já que segundo Martins (2005, p.52), os mesmos ajudaram a explicitar a dimensão qualitativa desta pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Resultados e Discussões das Entrevistas com as professoras

Com intuito de conhecer a opinião das professoras observadas e tentando proporcionar um momento de reflexão de suas práticas pedagógicas, realizamos a uma entrevista, com cada uma das duas professoras, estruturada em 04 questões.

A primeira pergunta: **Como você, enquanto professor constrói sua prática pedagógica?**

Resposta da professora X:

[...] Hoje, muitas pesquisas indicam que o processo de ensino deve orientar-se pelo modo como os alunos elaboram a representação pessoal dos conteúdos com os quais interagem. As perspectivas construtivistas e interacionista, na educação, trouxeram para a minha prática pedagógica: a importância da mobilização das experiências prévias; a natureza ativa e progressiva da aprendizagem; e a importância do trabalho cooperativo na construção do conhecimento. Assim, considerando o papel do professor como mediador entre o aluno e o conteúdo a aprender, busco criar um contexto adequado para que ocorra realmente a aprendizagem, dentro de uma postura investigativa que me permita acompanhar o processo de

aprendizagem e nele intervir. Acredito que, para preparar-se para esse papel é hoje uma exigência do trabalho docente.

Resposta da professora XY:

A prática pedagógica é mesmo resultado de uma construção. Ao contrário do que muitos buscam nos cursos e oficinas, ela é feita de acordo com cada contexto social, cada turma, cada professor também tem o seu jeito de lidar com um mesmo tema, um mesmo texto, uma mesma gravura. Só quem experimenta esse fazer pedagógico contextualizado sabe que, qualquer outro método que ignore a realidade do aluno e as condições de realização do professor, está fadado ao fracasso mútuo: do aluno e do professor.

A seguir perguntei: **Quais são os elementos norteadores de sua prática?**

Resposta da professora X:

Os elementos que norteiam a minha prática se constituem na oferta de várias situações didáticas que visam:

- a) subsidiar as aulas com atividades individualizadas aos alunos que se diferem quanto ao ritmo e forma de aprendizagem;*
- b) dar condições aos alunos para se integrarem aos processos de ensino e aprendizagem que ocorrem regularmente nas classes;*
- c) apresentar aos alunos formas diferenciadas de resolução de problemas as quais dependem da constituição de conceitos e lógicas do pensar envolvendo novas estratégias complementares àquelas já empregadas no cotidiano da sala de aula;*
- d) realizar avaliações diagnósticas: de entrada, intermediária e de saída, de caráter investigativo que se detém nas habilidades e competências adquiridas pelos alunos durante o ano letivo. São objetivos dessas avaliações: avaliar e ajustar as ações de minha prática em sala de aula, a partir da análise dos resultados e de organizar as ações de apoio à aprendizagem dos alunos.*

Resposta da professora XY:

Atualmente, na maioria das escolas, substituíram as notas por conceitos. Isso foi algo maravilhoso que aconteceu. No começo de minha prática, avaliava os alunos apenas através de uma ou duas provas escritas por bimestre. Se eles se destacavam como intérpretes orais, desenhistas, pintores, líderes nos grupos de estudos, traziam as tarefas, as pesquisas, os estudos complementares em dia e com zelo, pouco fazia diferença para mim. Hoje sei que estou melhor porque busco conhecer ao máximo cada um. No primeiro encontro, já começo a pesquisa para saber quem são o que pensam o que sonham o que já realizaram, o seu interesse pelo estudo, pela leitura, pelas artes, pelas questões sociais e, principalmente, o que esperam de mim. Os resultados são tomados como parâmetro na hora de preparar os estudos e as atividades para cada turma, o que me permite diagnosticar as competências e as habilidades de cada um com mais segurança e, o que é melhor, poder manter um diálogo mais franco com cada turma para avaliar minhas aulas e propor mudanças, que geralmente acabam em resultados surpreendentes, gratificantes.

Neste sentido, sabemos que há, na educação, o lugar da interação social. Para uma formação inovadora, exigida em todas as áreas do conhecimento, faz-se necessário trabalho coletivo, discussão em grupo, cooperação, contribuição e parcerias. É desta forma que o aluno precisa ser valorizado em sala de aula, o que o mundo do trabalho e a vida requerem. Não temos por que ignorar isso na hora da prática.

A terceira pergunta foi: **Como você define uma educação consciente e de qualidade?**

Resposta da professora X:

*Penso que, a **educação de qualidade** deve contribuir para a realização do ser humano, facilitando seu acesso aos conhecimentos socialmente produzidos, orientando-o na construção/utilização de **múltiplas linguagens** e de conhecimentos histórico-sociais, científicos e tecnológicos; promovendo os valores culturais e políticos de uma sociedade democrática, solidária e participativa; preparando o indivíduo para o mundo produtivo reclamado pelo sistema econômico, não no sentido de dar-lhe formação para a ocupação de um determinado posto de trabalho, mas de desenvolver-lhe capacidades básicas para: compreender e transformar o mundo produtivo; comunicar-se adequadamente nas formas oral e escrita; trabalhar em equipe; e exercer a função produtiva de maneira criativa e crítica.*

Resposta da professora XY:

A educação deve ser um meio de transformação do cidadão, que precisa ser crítico, comprometido com as necessidades de transformações sociais tão corriqueiras na contemporaneidade. Mas para dar conta dessa intervenção na realidade que o cerca, ele precisa ter desenvolvido a perspicácia de diagnosticar os problemas que o cercam, de agir no coletivo com organização e competência que as convenções sociais requerem para buscar as possibilidades de melhor solução ou amenização da questão individuais e coletivas.

Por fim perguntei: **Em que linha pedagógica ou tendência de ensino, você direciona sua prática docente?**

Resposta da professora X:

*A minha prática docente é direcionada numa **perspectiva construtivista e interacionista** da educação, pois é o professor quem organiza as situações de aprendizagem e quem estabelece a mediação entre o aluno e o conteúdo a ser aprendido. Desta forma, busco: incentivar a participação dos alunos e a cooperação entre eles; interpretar suas hipóteses de erros; ajustar o encaminhamento das atividades considerando as dificuldades e resistências do grupo; engajar-me pessoalmente no trabalho, não me limitando ao papel de avaliadora das situações. Assim, ensino e aprendizagem não se separam embora constituam processos distintos.*

Resposta da professora XY:

A minha prática está pautada na linha progressista, pois procuro conciliar teoria e prática ao máximo, porque só “no fazer gera-se o saber” e, como disse na primeira resposta, o fazer pedagógico precisa ser contextualizado, ignorar a realidade do aluno é investir na frustração mútua: aluno + professor.

[...] Enfim, procuro fazer com que meus alunos desenvolvam suas expectativas, habilidades, conhecimentos e competências para serem cada vez mais atuantes, capazes de tirar proveito de dados históricos, sociais e políticos que influenciam suas vidas, para saírem, assim, de meros expectadores para atuantes nas transformações do mundo que os cerca.

Na opinião da professora XY, “uma pequena qualidade de conhecimento consolidado é mais utilizável e transferível do que uma grande quantidade de conhecimento instável, difuso e completamente inútil”. Assim, se estivermos conscientes de que currículo de escola ou faculdade alguma jamais dará conta de todo conhecimento, de todas as informações existentes no mundo, é preciso ensinar os alunos o “aprender a aprender”. A identificar os problemas ou diante de suas necessidades, saber buscar as informações que precisam selecioná-las e administrá-las a seu favor ou em benefício de sua coletividade.

São tantas teorias da linha progressistas, que, segundo a professora XY, não dá para ser adepta a uma única linha, nas palavras desta professora “a abordagem Tradicional não perdeu totalmente o seu espaço no meu fazer pedagógico e não tem como agir em sala de aula imune das crendices de Piaget”.

4.2 Resultados e Discussões das aulas observadas

Visto que o objetivo do presente estudo é conhecer as influências das diferentes abordagens pedagógicas, tradicional, cognitivista, comportamentalista, humanista, e sócio-cultural, sobre o processo de ensino-aprendizagem dos docentes de Linguagem e, também contribuir para que o professor reflita sobre sua prática e a exerça de forma criativa e inovadora, apresentaremos as observações de sala.

As observações foram realizadas na Escola Estadual Marechal Dutra. Foram observadas aulas de duas professoras em salas e situações diferentes. No primeiro momento observei duas aulas da professora X na sala de 2º ano do ensino

médio, sendo uma no dia 16/08/07 e a outra no dia 20/08/07.

Na primeira aula observada, com poucos alunos, cerca de 10, a professora me apresentou para a turma e explicou o porquê de minha presença. Ao iniciar sua aula, a professora fala sobre produção textual e interpretação de texto. Segundo a fala da professora para redigir um bom texto o aluno deve ter “conhecimento sobre o que escrever” e precisa “convencer o leitor, de suas convicções e idéias”.

Sobre este assunto, um aluno questiona se há diferentes tipos de texto e a professora responde alegando que “cada texto tem uma estrutura própria, e se diferenciam em gêneros literários: textos dissertativos, argumentativos, poéticos, jornalísticos, etc”.

A abordagem dada neste episódio é tradicional, tendo em vista que o ensino tradicional é o ensino verdadeiro, onde a atividade de ensinar está centrada no professor que a expõe e interpreta, conduzindo o aluno ao contato com as grandes realizações da humanidade e da cultura em geral (SNYDERS apud MIZUKAMI, 1986, p.8).

A seguir, os alunos seguem para o laboratório de informática, com o intuito de pesquisar diferentes tipos de textos, em especial os textos dissertativos, o qual era o foco das produções textuais naquele momento.

Já no laboratório de informática, um dos alunos acessa um site pornográfico, e a reação da professora é de espanto, repreendendo-o e alertando-o que saia do laboratório caso continue acessando tal site. Ele responde que não vai fazer muita diferença ele sair da sala ou ficar ali, pois “a aula está muito chata”. A professora, calmamente, pede para que ele se comporte ou se retire, e o aluno escolhe se comportar e ficar na sala.

Nota-se aqui a abordagem comportamentalista, em que há aplicação da tecnologia educacional, das estratégias de ensino e reforço no relacionamento professor-aluno. A relação professor-aluno segundo Mizukami (1986, p. 31-32) na abordagem comportamentalista cabe o controle do processo de aprendizagem, um controle científico da educação; ao aluno, a exibição dos comportamentos de entrada, ao longo do processo de ensino.

Depois de terminada a pesquisa, a professora pede que os alunos façam uma grande roda e falem sobre os diferentes tipos de textos que encontraram. Alguns deles, nesse momento, se manifestaram e comentaram que haviam

encontrados textos jornalísticos e musicais.

Dentre os comentários, uma aluna levantou a questão do aquecimento global, afirmando ter lido, durante a sua pesquisa, uma reportagem sobre o tremor de terra que tinha havido no Peru. A professora aproveitou o caso e fez mais perguntas sobre o assunto, enriquecendo os alunos com informações atualizadas, os quais se mostraram interessados pelo assunto, participando efetivamente com o bom andamento da aula. Assim a aula termina e a professora não realizada a atividade de produção escrita (dissertação) que havia preparado, porém, houve produção oral e interação entre os alunos e a professora.

Nota-se aqui a abordagem cognitivista, pois a professora mostra e “ensina a inventar”, orientando os alunos na busca, por si só, da informação desejada. Nesta abordagem, o professor deve ser um orientador para os alunos, um instigador, fazendo com que o aluno aprenda por si mesmo, porém sem abandoná-los. Deve ser atento aos passos de aprendizagem dos alunos, proporem-lhes questões, provocar situações onde os mesmos reflitam e estejam abertos para descobrir e apreender (MALRIEU, 1974).

Na aula seguinte, a professora inicia retomando o assunto que havia sido debatido no laboratório de informática, na última aula, fazendo um breve comentário sobre o tema “Aquecimento Global”. Em seguida distribui algumas revistas para que os alunos encontrassem textos referentes ao tema proposto.

Um dos alunos retruca afirmando que não vai conseguir escrever. A professora, então, tenta fazê-lo entender que após a leitura de algumas reportagens sobre o assunto, ele terá informação suficiente para organizar as idéias em um texto.

A professora senta-se em sua mesa e por alguns minutos deixa a classe livre para fazer a pesquisa, há várias conversas paralelas os alunos não estão tão empolgados com o assunto em estudo. A professora, porém não parece importar com isso. Após alguns minutos, retoma a aula perguntando questionando-os sobre o os textos lidos e a ligação destes com o tema “Aquecimento Global”.

Um dado importante neste episódio é o fato de a professora não permitir que os alunos a interrompam enquanto fala. Os alunos só podiam expor comentários após a fala dela. Então, depois de comentar sobre alguns problemas que levam a terra a um aquecimento global, a professora abre espaço para que os alunos comentem sobre os textos que encontraram.

Aqui fica claro a abordagem tradicional da professora, tendo em vista que,

nesta abordagem a metodologia baseia-se com freqüência em aulas expositivas e em demonstrações do professor. A ênfase não é dada ao educando, e sim ao professor com o intuito de garantir a aquisição do conteúdo cultural pelo aluno.

No entanto, para Mizukami (1986, p.12), a escola é um local onde se raciocina em que o ambiente deve ser austero para que o aluno não se distraia. Considera o ato de aprender como uma cerimônia e acha necessário que o professor não se comporte como detentor do saber e o aluno como mero e passivo receptor.

Logo após comentarem sobre o tema e os textos lidos, a professora pede que os alunos escrevam um texto dissertativo expondo os seus pontos de vista, com base nos textos que eles leram.

Os alunos dão início a atividade proposta. Alguns alunos estão realmente fazendo, outros conversam, sem se importar com a atividade proposta. A professora passa carteira por carteira e observa quem está fazendo e quem está só conversando. Ela faz anotações em seu *caderninho*. Um dos alunos reclama que não está fazendo porque “não consegue”. Ela, então, alega que ele está conversando, por isso não consegue aprender e aconselha-o a “levar o estudo mais a sério”.

O fato de a professora passar pelas carteiras e “fazer anotações em seu *caderninho*” deixa claro que o seu objetivo aqui é inibir os alunos e com isso fazê-los escrever; produzir. No entanto, para o aluno escrever, produzir um textos, este precisa estar motivado; precisa querer.

Desta forma, notamos que o objetivo implícito ou explícito deste tipo de ensino é o de formar um aluno ideal. A intenção aqui é oprimir o aluno e simplificar o ensino numa única perspectiva, não levando em consideração os interesses do aluno.

Ainda no dia 20/08/2007, observei 2 horas/aula de outra professora escolhida para esta coleta de dados, nomeada aqui por XY, numa sala do 3º ano do ensino médio, com aproximadamente 15 alunos.

A professora me apresenta e fala sobre o que estou fazendo ali. Os alunos me observam, sem perguntas.

A aula inicia com uma conversa descontraída entre a professora e os

alunos, sobre a prova do ENEM¹. A professora, querendo saber como eles se saíram em suas produções textuais, faz muitas perguntas. Observei que houve um trabalho em relação a produção textual, visando exatamente a prova do ENEM. Notei também que esta professora é bastante dinâmica, com ótimo domínio de sala.

Após este momento, em que os alunos comentam sobre suas experiências na prova do ENEM, a professora abre espaço para aqueles que queiram ler a redação produzida na prova do ENEM. Nove alunos leram suas redações, consideradas bem estruturadas pela própria professora, a qual houve os alunos e faz breves comentários sobre as produções.

Nota-se aqui que a atitude da professora de “abrir espaço para os alunos”, configura-se em uma abordagem humanista, tendo em vista que a ênfase, neste episódio, se dá nas relações interpessoais e no crescimento centrado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo. O professor em si não transmite conteúdo, dá assistência, sendo um facilitador da aprendizagem. O conteúdo advém das próprias experiências dos alunos, assim o professor não ensina: apenas cria condições para que os alunos aprendam.

Aprendizagem na abordagem humanista tem a qualidade de um envolvimento pessoal – a pessoa, como um todo, tanto sob o aspecto sensível quanto sob o aspecto cognitivo, inclui-se de fato na aprendizagem (ROGERS, 1972, p. 5).

A professora, então, aproveita este momento para revisar os itens básicos de uma dissertação, citando: tema, introdução, desenvolvimento e conclusão. Em seguida, inicia-se a aula de literatura, pois no Ensino Médio, desta escola, as aulas de literatura são articuladas as aulas de língua portuguesa. O assunto de literatura são os livros: Dom Casmurro, Senhora, O Guarani e Iracema.

Após a professora perguntar sobre a leitura daqueles livros, um dos alunos diz já ter lido Iracema e Senhora, mas que, no entanto, “achava essas leituras uma grande chatice [...]”. Neste momento, a professora tenta convencê-lo de que a leitura desses livros faz se necessária para sua formação, “pois é conteúdo que será cobrado em concursos e vestibulares”.

¹ ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio, criado em 1998 pelo Inep - Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais. É uma prova aplicada anualmente, com o objetivo de avaliar os alunos e a qualidade do Ensino Médio brasileiro.

De fato a professora tem razão quando diz que é “conteúdo que será cobrado em concursos e vestibulares”, porém convencer um aluno a ler, ou a estudar por meio de um discurso de ‘obrigação’ parece não ser tão *motivador*, embora haja quem argumente que há motivação quando há necessidade. Contudo, a aprendizagem baseada em ‘querer’, parece-nos muito mais prazerosa do que aquela baseada em ‘necessidade’ ou ‘obrigação’.

A aula de literatura corre normalmente. A professora, bem segura do que fala, transmite tranquilidade aos alunos. Expõem de forma clara e consegue, de uma maneira ou de outra, que os alunos participem da aula. Estes, por sua vez, mostram-se interessados e participativos, fazendo perguntas e comentários interessantes. No decorrer de toda a aula, a professora faz vários comentários sobre o conteúdo em pauta, proporcionando um ambiente agradável e harmonioso, de respeito e amizade, em que a participação e a interação se fazem de forma espontânea, sem a determinação do que falar e quando falar.

5 CONSIDERAÇÃO FINAIS

A comparação dos dados levantados com os registros de aula e as entrevistas levam-nos a afirmar que as professoras desenvolvem principalmente um ensino expositivo (veja -se no registro alto grau de aulas expositivas). Além disso, as professoras parecem adotar abordagens variadas de ensino de língua portuguesa e de literatura.

Entre as abordagens pedagógicas, podemos considera: Tradicional, Cognitivista, Comportamentalista, Humanista, e Sócio-Cultural, embora estas duas últimas não estejam tão presentes nas aulas observadas, quanto a tradicional, a cognitivista e a comportamentalista.

Foi possível notar que uma das professoras está preocupada com o processo de ensino, e a forma que está sendo exposta as abordagens construtivistas e interacionista. Ademais outra professora se preocupa com a construção da prática pedagógica, afirmando que as aulas são preparadas de

acordo com o contexto social ou pela turma, mas entende-se no método utilizado uma prática totalmente voltada ao modelo interacionista.

Desta forma, a atuação das professoras foco de pesquisa parece-nos coerente, consistente e adequada do ponto de vista educacional, o que pode ser notado pela análise da entrevista, pois as professoras demonstram conhecimento e reflexão acerca do ambiente em que se processa o ensino - aprendizagem.

De acordo com o que foi exposto, podemos considerar que objetivo deste trabalho foi alcançado, uma vez que conhecemos as diferentes abordagens pedagógicas de duas docentes de Língua Portuguesa e Literatura de uma escola pública estadual da cidade de Rondonópolis-MT. Além disso, esta pesquisa contribui para que o professor reflita sobre sua prática e a exerça de forma criativa, inovadora e consciente.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIGGE, M.L. **Teorias da aprendizagem para professores**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1977.

BORDAS, M.C. Apresentação. In: MORAES, V.R.P.M. **Melhorias do ensino e capacitação docente**. Porto Alegre, UFRGS, 1996.

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova didática**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Cap. II (itens 1,2, 3 e 4) e III (itens 1 e 2).

COLL, César. **O Construtivismo na sala de aula**. São Paulo. 6º ed. SP, Ed.Ática, s/n. p. 09 - 29.

CONED – **Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública**. Relatório com as Diretrizes do I Congresso Nacional de Educação. Belo Horizonte-MG, 1998.

COTRIM, Gilberto; PARISI, Mario. **Fundamento da Educação**; história e filosofia da educação. 12. ed. 1987. Cap. 7 e 12.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia para a Autonomia**. SP. Cortez, 1980.

GOODING, C.T.; PITTENGER, O.E. **Teorias da aprendizagem na prática educacional**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1977.

LIBÂNEO, J.C. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. Rev Ande, n. 6, p.11-9. 1982.

LOPES, Josiane. Jean Piaget. **Nova Escola**. São Paulo, ed. XI, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994, p.21-35.

MALRIEU, P. Influências das teorias psicológicas sobre a pedagogia. In: BESSE, M.; MIALARET, G. **Tratado das ciências pedagógicas**. São Paulo, EDUSP, 1974. p.76-9.

MARTINS, Rosana Maria. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Rondonópolis – MT, 2005.

MIZUKAMI, M.G.N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo, EPU/EDUSP 1986.

MORAES, V.R.P (Org.). **Melhoria do ensino e capacitação docente**. Porto Alegre, UFRGS, 1996.

PARÂMETROS, Curriculares Nacional: **Introdução aos PCN**. Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental. 2ª ed. Brasília: A secretária, 2001.

ROGERS, C.R. **Liberdade para aprender**. 4.ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1978.

SAVIANI, Dermeval. **A resistência ativa contra a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 1997, p. 66-72.

SNYDERS, G. **Pedagogia Progressista**. São Paulo: Eduart-Edusp, 1974.